

AS VÁRIAS NUANÇAS DA LOUCURA NO QUOTIDIANO FAMILIAR¹

CERES BRAGA AREJANO*

RAUL FERNANDO SOTELO PRANDONI**

Drª ROSANE GONÇALVES NITSCHKE***

RESUMO

A partir de uma história clínica procura-se explicitar a construção da loucura e as várias possibilidades de interpretação e linguagem que no imaginário social permitem uma observação complexa do fenômeno da loucura.

PALAVRAS-CHAVE: loucura; quotidiano familiar; imaginário.

ABSTRACT

Based on a clinic report the authors intend to explain the construction of craziness and the several possibilities of interpretation and languages that allow a complex sight about the phenomenon of craziness in the social imaginary

KEY WORDS: craziness; daily familiar context; imaginary.

Ernesto desceu do ônibus com duas malas, chegando assim à consulta, com duas malas muito pesadas, porém vazias; em uma carregava a alegria, em outra a felicidade que não tinha.

A vida, a história o haviam colocado entre o leve e o pesado. Ernesto havia optado pelo pesado em toda a sua leveza.

Ter sem ter, carregar sem peso com todo o peso.

Dois anos atrás recebeu uma correspondência, abriu o envelope e encontrou um surto. – “Uma luz explodiu, a cabeça se encheu de estrelas”, falou Ernesto, e a escuridão tomou conta de seu corpo.

A sensação sempre se repete, parece que essa linguagem particular com identidade e história, com lágrimas e risos, nos arremete de tal forma que ultrapasse o nosso entendimento. Duas opções: diagnosticar e perde-se a vida, ou entender o que for possível e falar a linguagem que deve ser

¹ Trabalho de conclusão da Disciplina de Pós-Modernidade e Imaginário no Quotidiano do Processo de Viver e Ser Saudável do Curso de Doutorado em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFSC.

* Aluna do Doutorado em Filosofia da Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFSC.

** Aluno especial da Disciplina de Pós Modernidade e Imaginário no Quotidiano do Processo de Viver e Ser Saudável do Doutorado em Filosofia da Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFSC

*** Professora da Disciplina de Pós Modernidade e Imaginário no Quotidiano do Processo de Viver e Ser Saudável do Curso de Doutorado em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFSC.

escutada. Optei pela segunda; nesta corre-se o risco da dor, do sofrimento sofrido pelo outro, mas ganha-se o compromisso da compreensão, da comunicação, e mais transformamo-nos em seres solidários.

Novo encontro: o surto.

Ernesto, aluno exemplar, oriundo de uma cidadezinha no interior do País de quinhentos habitantes, manifestou-se sempre com retraimento, com dificuldades de estabelecer relacionamentos com as crianças e logo com os adolescentes na sua passagem pelas escolas. Mas, em compensação, era presenteado por seu bom comportamento e suas notas.

Sua irmã maior morava na capital. Era proprietária de uma confeitoria, o que lhe permitia uma vida cômoda.

Ernesto foi convidado a morar com sua irmã para poder cursar a universidade. Por sua vez, ele começa a trabalhar na confeitoria com seu cunhado. Ernesto experimenta uma sensação de desvalorização entre os colegas, seus erros, por menores que sejam, são considerados pelos colegas o dobro dos seus.

A pressão no trabalho aumenta, a sua exigência ao estudar se incrementa, com cobranças muito rígidas de sua parte. Do estudo ao trabalho, do trabalho ao estudo, fechando-se em seu quarto sem pensar na vida.

É o homem colocado em seu limite, a vida colocada em seus limites, é a loucura como estados alterados, alteráveis. É a vida colocada na panela do real imaginário, imaginário real. Ernesto encontrou a saída para suas angustias, para seu sofrimento, sozinho, ao enamorar-se de alguém que visita sua casa. O amor o salva da morte, do suicídio que havia tentado sem êxito. Amor vivido na solidão, platônico, amor que o coloca em surto. Bobagens para os outros, salva-vidas para ele.

Foi internado, passou pela narcolepsia, saiu meio tonto, mas uma coisa não esqueceu: as perguntas que lhe faziam os médicos: – “Como são as estrelas? De que cor são as estrelas? Quantas são as estrelas?”

Hoje relata: – “Só era uma chuva de estrelas”, que importa. O que importa é que sua vida foi sacudida por tremores fortes demais, que sentiu rupturas devastadoras, que seus sentimentos atingiram uma intensidade tal que transbordaram todas as formas de representação. Sua vida foi tomada por acontecimentos que extrapolaram as palavras e os códigos disponíveis ou o repertório textual comum.

Ernesto relata: – “É muito difícil para mim estabelecer um relacionamento afetivo, quando alguém gosta de mim e pinta o clima, eu fujo, porque tenho medo de ficar louco de novo”.

Mais adiante, muda a fala e diz: – “Eu tenho algo em mim que sei que me marca”. Nesse momento meu ouvido se transformou em regaço para as suas palavras: – “Quando eu era pequeno, minha mãe tinha um amante e me obrigava a marcar para ela os encontros sem que o meu pai soubesse. Se por acaso eu não fosse, seria castigado. Em uma dessas oportunidades, minha irmã maior descobriu o que eu fazia e disse-me que falaria com nosso pai sobre o que eu fazia para a mãe”.

A culpa sentida pela traição de sua mãe ao pai agora soma-se à própria culpa de traír o pai. Culpa, castigo, vergonha, um sem-número de sentimentos, que se misturam.

Ernesto diz: – “Quanto mais longe de quem posso amar, menos perigo e risco corro de ser traído e de sofrer”.

Como tirar tamanha carga de suas costas? Ao esvaziar as malas, carregou-as de tristeza e infelicidade.

Não lembro de minhas palavras, nem sequer são importantes. Algo assim: – “Vamos abrir essas malas e ver o que se pode colocar dentro delas”?

Acho importante discutir o assunto da responsabilidade e da cultura, os quais nos fazem assumir papéis de pais e mães endeusados. Falando sobre a cultura e a linguagem das histórias, começa-se a desmontar a estrutura da culpa. Com o passar do tempo foi diminuindo a ansiedade de enlouquecer, o que permitiu a Ernesto em suas viagens semanais falar com algumas mulheres que faziam o mesmo trajeto no ônibus.

Hoje, Ernesto mora com seu pai e sua mãe, encarregando-se das tarefas do campo. Está, ao mesmo tempo, conseguindo estabelecer alguns limites com eles, que vivem preocupados com a doença mental que poderá ocorrer novamente com o filho. Ernesto consegue estabelecer com eles um salário pelo trabalho realizado.

Em nossos encontros, avançamos em um caminho de desconstruir, construir, reconstruir histórias juntos, o que permitiu a Ernesto perder o medo de enlouquecer, bem como a diminuição da ansiedade e uma redução considerável na medicação psiquiátrica à qual estava submetido.

Três meses de trabalho se passaram. Depois de uma ausência prolongada, ao retornar, relata: – “Meu pai morreu”. E conta a história em detalhes: – “... meu pai nunca deixou-se tocar, apenas lembro quando pequeno de ficar algum tempo em seu colo. O dia em que morreu pediu-me que lhe banhasse, eu o vi nu pela primeira vez. Eu o ensaboei, fiz massagem em suas costas, dei o banho com meu melhor sabonete, perfumei-o, sequei-o e coloquei nele uma camiseta minha muito limpa. Me senti muito feliz por fazer isso. Logo pediu-me para ficar sozinho. Quando regressei estava caído entre a pia e o vaso. Estava morto. Eu o carreguei até a cama, me deu muito trabalho. Depois tomei as providências, me senti algo nervoso, mas aquilo que estava acontecendo era muito importante”.

Ernesto outra vez frete ao risco, no limite, não entrou em surto... por que?

Conseguimos juntos construir uma história que para Ernesto está muito próxima de sua realidade, de sua própria história.

No toque e na lavagem do pai os dois se encontram num perdoar-se mutuamente de velhas histórias, um lavar-se de pecados e culpas.

Este é o começo de uma nova viagem para Ernesto, quem sabe com que malas e com que conteúdos. Nossos encontros continuam, hoje sem os sentimentos de depressão e quem sabe com algo... de felicidade?

Esta maneira de contar histórias clínicas são o produto de nossas leituras e posicionamentos frente à vida, resultado dos conceitos resgatados

da pós-modernidade e com referência às teorizações de Michel Maffesoli e Edgard Morin.

São histórias simples, permeadas de grande complexidade, mas contadas com a linguagem do cotidiano, talvez o prosaico.

Nosso propósito é o de que a linguagem seja acessível a todo leitor, mas sem perder o caráter didático do texto.

Esta história está cheia de sentido e significado, opacidade e transparência, e como fio condutor traz um pensamento que procura ligar o que está separado, respeitar o diverso ao mesmo tempo que reconhece o uno. Trata-se de uma história que busca desvelar a relação de inseparabilidade entre o fenômeno e seu contexto.

Para Morin (1995, p.167), "A reforma de pensamento necessária é a que irá gerar um pensamento do contexto e do complexo".

Para que o ser humano possa requerer uma identificação com certos valores que assegurem sua subsistência na qualidade de sujeito social, as normas de comportamento ligadas a princípios religiosos, morais ou mesmo as leis precisam expressar os códigos que regem sua vida e conduta social.

Em nosso imaginário, quem desobedece deve ser punido. Isso pode ser observado através da literatura. Na literatura grega são expressos alguns mitos que retratam essa linguagem social. Exemplo disso, o Prometeu, um dos titãs da mitologia. Ao roubar o fogo do Olimpo para entregá-lo aos homens, Prometeu é condenado por Zeus, deus do Olimpo, a ser acorrentado a uma rocha e a ter seu fígado devorado por uma águia; o fígado voltaria a crescer, em um sacrifício eterno.

Para o ser humano, a liberdade é um processo contínuo de ir à luta para garantir conquistas já feitas, ampliá-las, quer no âmbito familiar, social e/ou profissional.

Só podemos ser livres a nossas custas, e por isso a liberdade é um processo, nunca um estado.

É no núcleo familiar que se processam as relações de maior autoritarismo e de supressão das liberdades individuais.

Para Freire (1987, p.139), "a família existe só para garantir a reprodução da sociedade burguesa através da difusão do autoritarismo. (...) O papel da família é tão forte neste sentido que seus membros acabam por julgarem-se proprietários uns dos outros".

Ainda, é nas relações familiares que podemos observar a utilização da metalinguagem como código de comunicação para ameaçar ou suprimir a liberdade do outro. Um exemplo é a estratégia do duplo vínculo, fazer o outro saber o que ele nos causa sem usar meios diretos de comunicação, mas sim mudanças de humor, fisionomia.

Tanto ou mais que o reacionarismo político e a fé religiosa, o autoritarismo familiar faz parte do que produz a sintomatologia da doença mental.

Na história clínica apresentada, Ernesto é colocado em conflito entre o amor e a fidelidade aos pais. O mais curioso a seu respeito é que seu amor foi tão impotente quanto incompetente para vencer a chantagem autoritária por parte da mãe e da irmã. Para Freire (1987 p.55), "a chantagem amorosa quando usamos o amor em forma de poder, permite seduzir, dominar, nos apropriar, comandar, reprimir, castrar e até matar pessoas apenas com a ameaça de retirada do afeto, isto é, com a perversão de nosso amor", e é sempre catastrófico para a pessoa que sofre esse tipo de utilização do amor. A liberdade e a autonomia são para o ser humano a única garantia de manifestarmos a nossa "originalidade única"² que é sinônimo de nossa saúde mental.

A utopia a ser alcançada na família para a manutenção da saúde mental de cada um de seus integrantes é a de que nenhum de seus membros seja obrigado a fazer o que não quer, o que não pode e o que não deve.

O desenvolvimento do ser humano é um processo de construção do crescimento organizado quantitativa e qualitativamente. Este mesmo desenvolvimento pode conspirar contra o sujeito quando se baseia em valores, premissas e processos que interferem negativamente na necessidade de busca simultânea de liberdade individual e coletiva.

A "espacialidade interiorizada"³ do afeto que permite a ligação das relações familiares está vinculada aos gestos da vida quotidiana. É uma maneira de viver no presente.

Para Maffesoli (1984, p. 57), "A espacialidade é o tempo em retardo, é o tempo que tentamos frear, e daí a importância da ritualização na vida do dia-a-dia que, pela repetição, representa e mimetiza o imutável".

Os menores gestos da vida familiar, como um sorriso, o toque das mãos, o tom de voz entre as pessoas da família, o olhar, todos esses "pequenos nadas" materializam a existência, inscrevem a família num lugar e são fatores de socialidade ao produzir sua intensidade no apego afetivo ou passional.

Essa espacialidade concreta familiar é traduzida na vida quotidiana da família, em que nossos afetos se enraízam, onde manifestamos ódios e amores, conflitos, contradições e imaginariamente conquistamos a "harmonia plural"⁴

² "A capacidade de viver apenas daquilo que a natureza, através de especiais e inúmeras combinações genéticas, nos faz ser um tipo de pessoa inédita tanto no passado quanto no presente e no futuro dos homens" (Freire, 1987, p. 64)

³ Metáfora referente à unidade de afeto do ser humano.

⁴ Faz referência à família como centro de encontro de pessoas diferentes em inter-relação

Saúde é harmonia; porém, como se daria na família essa “harmonia plural”?

Acreditamos que a harmonia plural só será conquistada, na família, através da manutenção de relações de suplementaridade⁵ e não de complementaridade.

A família é o lugar onde se dá a partilha e, portanto, onde se constitui o social. Lugar este onde se realiza de maneira visível, concreta, o simbólico das relações sociais.

A vida familiar conduz a uma densificação das relações sociais, sendo isto o que assusta e fascina o ser humano.

Essa contradição condiciona a manutenção dos vínculos familiares, e esse duplo caráter encontra-se na raiz do imaginário humano.

A crise do ser humano é o código de valores familiares. Até hoje, esse código se apresenta para o sujeito de maneira confusa, ambígua, contraditória. Os paradigmas familiares que parecem imutáveis confrontam-se com os resultados, e o saldo não permite espaço para a manutenção da saúde de seus membros.

A matéria é composta de antimaternidade e a família é composta de aspectos que poderíamos chamar de antifamília.

Qualquer que seja o nome que possamos dar à dimensão familiar para a manutenção ou não da saúde mental do ser humano, o misterioso, o secreto, o não-dito, é atuante na prática do cotidiano familiar. Na dimensão do fantástico do dado familiar, o imaginário é importante no “colorido” daquilo que chamamos de minúsculas situações da vida quotidiana. Essas mesmas situações são povoadas de magia, de poder, de ficção e participam na constituição da “realidade” familiar.

Isso pode ser visto na história clínica apresentada. No início, o fascínio exercido pelo “amor familiar”, que se mostra de forma licenciosa, lasciva, cruenta e que exige para a garantia da permanência e “sobrevivência” do sujeito no seio familiar o recalque da liberdade individual. O fictício perfura o real e o misterioso é atuante naquilo que parece querer excluí-lo: o amor.

A sedução exercida pelo “amor familiar” permite no jogo das sombras, do sortilégio, da passividade, a ascensão das forças constitutivas da doença mental no núcleo familiar.

A importância do imaginário familiar é agora reconhecida e inúmeros trabalhos mostram como atua o imaginário nas relações familiares.

harmônica.

⁵ Para Freire (1987), em contraposição à complementaridade, que significa buscar no outro algo que nos complete, a suplementaridade significa que as pessoas para se amarem não precisam nada uma das outras para que o amor seja realmente uma troca de emoções, delícias e encantamentos.

Na verdade, o sujeito é condicionado em sua atuação por várias instâncias, entre elas: a educação, o meio, a economia, e pode-se igualmente dizer que o imaginário pode transformar esse condicionamento.

O fantástico e a ficção não têm outro sentido senão organizar um "espaço vital" para a sobrevivência do sujeito.

Na história clínica, a "chuva de estrelas" ao aparecer no imaginário de Ernesto, assegura a libertação da coerção e das imposições existentes na relação familiar.

Para Morin (1966, apud Maffesoli, 1984 p.67), "essa presença ausente própria da magia cinematográfica pode ser compreendida como indício específico da duplicidade social", e nós podemos dizer também, da duplicidade do amor familiar.

Ficar fora de si, como é freqüente ao assistir-se a um filme, é também uma atitude que funciona como escudo sério contra as agressões psicológicas que sofre o ser humano em nome do amor familiar.

A crise ou o surto para a psicologia representa tudo de caótico, imprevisto, aleatório que compõe o sujeito na tentativa de tornar aceitável o quotidiano. Nessa perspectiva, a loucura encontra seu lugar no transcurso da existência, do "interesse do aqui e agora".

Quando abordamos a loucura, o cotidiano das relações familiares, o imaginário social, constatamos um desdobramento, uma secundariedade, expressão da mobilidade existencial no seio da rotina diária. Esse mecanismo serve para introduzir a duplicidade no prosaico da vida diária. A duplicidade é a astúcia contra o sistema, que conta belas histórias frente à massa social. Na aparente modificação da família através dos tempos, a permanência do mesmo.

As histórias infantis são carregadas destes exemplos que são utilizados como proteção na estruturação individual e social para assegurar a continuidade, a estabilidade, como garantia do sentimento de identidade frente ao imprevisto e às múltiplas potencialidades da vida quotidiana.

A loucura, frente a esse processo de enraizamento no isolamento, na solidão, cujos efeitos são mostrados na história clínica, é uma das formas de o indivíduo romper com o sentimento de permanência, de invariabilidade das coisas frente ao tempo.

O jogo do "diferente" (louco) permite a neutralização dos poderes levando-os a uma confrontação e, assim relativizando-os. Segundo Maffesoli (1984, p. 32), "(...) a paixão só pode viver no solo da diferença".

A "harmonia plural" ou "cósmica", como refere Maffesoli (1984), pode ser alcançada através das relações de suplementaridade, e o ressurgimento da ecologia, do regionalismo, dos particularismos, do folclore, atesta de maneira diversa que existe um reconhecimento da multiplicidade, da pluralidade, da diversidade, do distinto, do dado

visível e invisível, da harmonia diferencial ou visão holística presente na vida diária, e que, para Maffesoli (1984, p. 35) pode ser chamada de “socialidade”.

O interesse e a particularidade deste texto reside no fato de que a loucura para ser entendida, em nosso tempo, precisa de uma nova roupagem, que a pós-modernidade carrega em si.

O que interessa ao nosso propósito e esclarece nossa análise sobre o entendimento da loucura é que esta constitui um meio de fuga do social, de recusa à troca.

Para Maffesoli (1984 p. 38), “(...) é necessário que se possa trocar para existir”.

Assim, podemos dizer que a loucura, ao emergir, é um instrumento eficaz e reconhecido na estrutura relacional, é aquilo que nos permite escapar à relação.

O desejo de atomização que aparece na fala de Ernesto ao referir-se a “chuva de estrelas”, em sua cabeça teria por função romper os laços que o unem ao meio familiar afetivo-social.

A tensão intransponível entre a subordinação e a autonomia do sujeito jamais se esgotam nas situações de conflito ou de calma que permeiam as relações familiares.

Em uma forma particularmente marcada de troca conflitiva – banhar o pai – percebe-se a troca (grandeza) e ao mesmo tempo a negação dessa troca (tragédia) – morte do pai – uma dupla relação de proximidade e distância. É, nesse sentido, a expressão clara do paradigma de uma socialidade ao mesmo tempo harmônica e conflitiva ressaltando a relação ambivalente que estrutura a socialidade.

Segundo Maffesoli (1984, p. 44), “são essas ocorrências que tecem gradualmente a trama da socialidade. A vida quotidiana que, com prudência, apontamos é como um território onde se enraizam as alegrias e amarguras que em sua banalidade escapam amplamente aos críticos de toda espécie que transferem sempre para uma sociedade perfeita as alegrias mais simples”.

O “paraíso é aqui”, como canta o poeta. É a filosofia do dia-a-dia a que retrata as idéias mais sublimes no solo mais concreto.

A loucura é a banalização da vida diária, escondendo uma riqueza insuspeitável e condensada que serve de “reservatório” à permanência social.

Trata-se, pois, para o ser humano, de viver a adequação por fim realizada entre um lugar formado pela pluralidade (elementos da natureza) e uma socialidade fragmentada.

Ao refletirmos sobre o significado das várias nuances da loucura no quotidiano familiar, concluímos que a constituição do ser humano é,

portanto, um processo complexo, dialético e permanente que se processa nas relações com o outro. Neste sentido, as violências – simbólicas ou não – produzidas na família tornam-se a matriz de outras formas de violência no espaço pessoal, institucional e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREIRE, R. *Sem tesso não há solução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
2. FREIRE, R.; BRITO, F. *Utopia e paixão*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.
3. MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
4. MORIN, E. *Terra-Pátria*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.
5. _____, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Recebido: 08/11/2001
Aceito: 07/01/2002

